



Projeto Capim Limão: tecendo redes e colhendo frutos *Projeto Capim Limão: weaving nets and reaping fruits*

FERRER, Luisa¹; SANCHES, Thállita²

^{1,2}UFRJ, luisaferrer95@gmail.com; tsg_br@hotmail.com

Eixo temático: Agriculturas Urbana e Periurbana

Resumo: Rio de Janeiro, fábrica de sonhos e ilusões, um lugar marcado pela violência e corrupção. É neste cenário que em 2006 um grupo de amigos, após discutir o assunto num encontro estudantil de Biologia, resolvem falar de agroecologia, dentro de um espaço estigmatizado como elitista, a universidade pública. Na mesma época em que esse termo começa a ser apropriado em discursos de movimentos populares. Recentemente reconhecida como ciência, aos poucos ela traz a importância da etnociência na convenção atual dos saberes. De um grupo de amigos com ideais ambientais em recuperar terras degradadas a um coletivo com ideais transformadores e hoje um projeto, Capim Limão. Cada vez mais organizado e com muitos sonhos realizados, como a Rede de Agroecologia da UFRJ e seus parceiros, que através da potencialidade do ato de se organizar, nos torna pertencentes de uma história de transformações ideológicas, que aos poucos, seja dentro de um congresso, mutirão ou oficina, nos devolve a autonomia de vida.

Palavras-Chave: grupos de agroecologia; etnociência; educação ambiental crítica; protagonismo estudantil.

Keywords: agroecology groups; ethnoscience; critical environmental education; student protagonism.

Contexto

O Projeto Capim Limão surgiu com a iniciativa dos graduandos do Instituto de Biologia, influenciados por diversas vivências universitárias. Formaram um grupo para estudar, discutir, praticar e divulgar conhecimentos relacionados à temática da Agroecologia, ressaltando seu caráter interdisciplinar. Além disso, a história do projeto é conectada à área de laboratório vivo “a chamada Ocupação Verde” que têm o papel funcional de promoção da educação ambiental crítica dentro da universidade, em forma de atividades ecopedagógicas para diferentes públicos, formação interna do grupo, atividades práticas de disciplinas de diferentes cursos da UFRJ, atingindo os pilares de ensino, pesquisa e extensão. Biodiversidade, meio-ambiente, saúde, sustentabilidade, agricultura urbano-familiar, soberania e segurança alimentar, são assuntos discutidos na construção de um diálogo entre saberes tradicionais e científicos. Esse diálogo nos dão embasamento etnocientífico para transformar a educação universitária em uma educação significativa e revolucionária. Modificando a realidade constatada por Rubens Alves (2012), “pois a formatura é isto: quando todos ficam iguais, moldados pela mesma forma”. A agroecologia aponta possíveis saídas para os problemas socioambientais atuais, usando sempre da educação etnobiológica como ferramenta. Baseado nisso, o projeto propõe dar visibilidade aos conhecimentos tradicionais rurais e urbano-periféricos, aliados ao conhecimento acadêmico transdisciplinar, objetivando sensibilizar as comunidades para melhoria do seu bem-estar socioambiental,



ampliando nossos conceitos sobre o trabalho coletivo na construção das ideias socioambientais. O uso da educação ambiental crítica, e a busca pela autonomia dentro de um sistema capitalista controlador, assume-se como estratégia para a valorização deste bem estar, a realização de atividades que possibilitem o intercâmbio de práticas e saberes entre sociedade e universidade, realizadas em locais como a Associação de Produtores e Artesãos da Microbacia do Fojo (AFOJO, Guapimirim) e o Complexo de favelas da Maré, que se conectam no que tange a produção e o consumo de alimentos.

O objetivo do projeto é promover e divulgar agroecologia dentro e fora da universidade, de forma que a população adquira autonomia para atuar na transformação social e ambiental. Partindo para um contexto mais prático o Projeto se organiza em 4 linhas principais de ação: Atividades ecopedagógicas no Complexo da Maré; Aproximação campo cidade; Atividades pontuais em eventos de grandes públicos; Atividades internas. As linhas de ação respectivamente abordam (1) Promover o pensamento crítico e fomentar as questões socioambientais; (2) Apoio técnico à agricultura familiar da feira Agroecológica da UFRJ; (3) Difundir e praticar agroecologia para diversos públicos, apontando o contexto socioambiental e levantando questionamentos; (4) Inclui desde atividades de manejo na Ocupação Verde à comunicação e articulação interna e externa, com a produção de material didático para as atividades realizadas pelo projeto. E assim o Capim Limão procura mudar os paradigmas conservadores e mostrar que a agricultura urbana existe e é necessária, precisando ser apoiada e valorizada.

Descrição da experiência

Reconhecer-se como um coletivo com objetivos em comum é um trabalho lento, porém significativo, de união de potenciais em prol de ideais em comum. Com o fim de alinhar ideias sobre o projeto e planejar próximas ações realizam-se reuniões estendidas no início e final de cada ciclo semestral, seguidas de reuniões semanais onde é dada continuação da organização e execução do planejamento semestral.

Internamente o projeto se organiza em linhas de ação anteriormente citadas que executam diferentes atividades. Durante esses 13 anos houve mudanças e adaptações, porém, permanecem como temas cerne do projeto, a agricultura familiar, soberania e segurança alimentares, educação ambiental crítica e gestão de resíduos. Há uma continuidade ininterrupta de práticas agroecológicas realizadas pelo projeto, com diferentes níveis de impacto social e ambiental, porém há também um contínuo aperfeiçoamento da organização interna e externa das ações do coletivo. Essa organização se tornou indispensável para a legitimação de nosso trabalho e reconhecimento do mesmo dentro de instituições e outros coletivos.

As atividades de extensão que vêm sendo desenvolvidas pelo projeto são fortemente embasadas nas experiências realizadas no espaço experimental do Projeto, Laboratório vivo - Ocupação Verde. Neste espaço ocorre a capacitação dos integrantes, bem como a produção e apropriação de conhecimentos e tecnologias socioambientais. Além disso, as pesquisas são frutos das demandas levantadas nas demais ações do projeto, o que demonstra a possibilidade de aplicação do



conhecimento científico, potencializando transformações socioambientais profundas. De forma mais prática, o grupo assume 5 etapas visando seguir as metodologias descritas. São: 1. Reconhecimento de necessidades e limitações locais; 2. Embasamento interno (teórico-prático); 3. Planejamento; 4. Transposição didática/execução; 5. Acompanhamento/Avaliação. Segundo Reigota (1998), “o primeiro passo para a realização da educação ambiental deve ser a identificação das representações das pessoas envolvidas no processo educativo”. Portanto as atividades realizadas consideram primeiramente o público alvo trabalhado, adotando abordagens adequada.

Outra ação do projeto é a aproximação consumidor e produtor através da presença quinzenal em uma barraca na Feira Agroecológica da UFRJ no ponto do Centro de Ciências da Saúde, dialogando com a comunidade universitária acerca da origem dos produtos, como eles foram produzidos, dos benefícios socioambientais em comprar diretamente dos agricultores e agricultoras que produziram esse alimento. Sendo esse um espaço importante na discussão sobre valorização dos alimentos agroecológicos e quem os produz, uma vez que os transeuntes têm pontos de partida diferentes com relação à agroecologia.

É através da experiência de anos que as atividades pedagógicas que são realizadas pelo projeto foram sendo aperfeiçoadas. Para difundir e praticar a agroecologia dentro e fora da universidade, diferentes grupos com diferentes objetivos devem ser contemplados. Além de divulgar a agroecologia em atividades práticas, o fazemos também através da elaboração de material informativo, distribuídos em eventos e/ou divulgados em redes sociais. Mesmo de diferentes níveis de aproximação com a temática agroecológica, é facilmente notável que os participantes conseguem extrair um pensamento, uma informação ou uma perspectiva que transforma, de alguma forma, suas atitudes cotidianas, devido a desconexão atual do ser humano com a natureza.

Para uma maior difusão da agroecologia, torna-se necessário que esse tema seja mais trabalhado dentro da sociedade, por grupos e coletivos agroecológicos. Um dos aspectos fundamentais para esse trabalho de difusão é a organização interna e em redes, visando potencializar atividades já realizadas, e possibilitando a criação de muitas outras em conjunto. Dessa forma o Capim Limão atua politicamente através das redes de agroecologia que se articulam desde o âmbito local ao nacional através de encontros que reúnem diversos atores da sociedade, como movimentos sociais, organizações não governamentais e integrantes de organizações governamentais, bem como representantes do governo para diálogos que possam convergir na construção de políticas públicas. Observa-se que em rede é possível construir uma sociedade mais agroecológica de forma solidificada e legitimada pela sociedade.

Resultados e discussão

Em 13 anos, desde a sua criação, o Projeto já alcançou muitos dos seus objetivos, a conquista de uma área experimental, a Ocupação Verde, é um exemplo, acarretando em muitos outros objetivos à serem explorados. Este espaço ecopedagógico, que no



início era uma área totalmente degradada, hoje acolhe uma grande biodiversidade, conferindo credibilidade e oportunidade na troca de saberes, seja com escolas, agricultores, pesquisadores, favelados ou universitários. Através deste pequeno bosque agroflorestal, pode-se demonstrar técnicas agroecológicas de plantio, tratamento de resíduos, interação com a natureza, entre outras atividades mais objetivas. Além de servir de modelo para pesquisas em áreas degradadas ou em processo de recuperação. Entende-se que este espaço tem diferentes potenciais de exploração, sendo ideal para a difusão dos saberes agroecológicos e a recepção grupos diversos.

A fim de se renovar, o Capim Limão busca sempre participar da grande diversidade de encontros e eventos de agroecologia que, visam potencializar os diferentes atores sociais envolvidos na construção desse espaço. Sendo o projeto atuante em diferentes escalas, tanto participativa quanto espacial/organizacional, ajudando na construção de eventos locais, regionais e nacionais. A articulação com outros praticantes da agroecologia proporciona uma troca muito importante de experiência que nos auxilia na formação de agentes polinizadores desse conhecimento. Como por exemplo, o desenvolvimento de atividades para a recepção dos calouros do curso de Ciências Biológicas, com intuito de introduzir a temática agroecológica, que hoje serve de modelo para o “Recepção Agroecológica Integrada de Calouros”, unindo vários cursos da UFRJ. Com esse trabalho de articulação, o projeto está ganhando visibilidade e aos poucos vem conquistando espaços importantes de debate e práticas socioambientais, como no Fórum Ambiental da UFRJ ou a Frente Parlamentar de Agroecologia do Estado do Rio de Janeiro, entre outros muitos eventos onde possa ser abordada a temática agroecológica.

Entendendo o ato de comer como sendo um ato político, e em busca do fomento desse debate na academia, em 2010, o grupo participou da criação da Feira Agroecológica da UFRJ, fruto de uma parceria com a administração do Restaurante Universitário, a Agência UFRJ de Inovação, o Instituto de Nutrição Josué de Castro e outros colaboradores. A partir do trabalho na Feira, percebe-se o quanto a agroecologia necessita ser difundida para mudarmos o modo como produzimos, comercializamos e consumimos enquanto sociedade. Da atividade presencial na feira surgiram propostas de atuação, mudanças de paradigma de pessoas abordadas, e inclusão de pessoas no projeto. Ficando evidente o papel fundamental do diálogo presencial utilizando elementos físicos e exemplos cotidianos para real reflexão dos transeuntes da Feira Agroecológica da UFRJ.

Uma grande conquista do projeto é a sua atuação em favelas, com a grande diversidade de público e experiência que elas oferecem. Essa relação com quase 10 anos nos impulsiona à uma potencialização na qualidade de transmitir o pensamento, usando da criatividade para criar ou adaptar didáticas, abordagens e metodologias de compartilhamento de ideias. As parcerias dentro do Complexo da Maré proporcionam a oportunidade de evolução quanto ao desenvolvimento das 3 principais etapas na elaboração de qualquer atividade: planejamento, execução e avaliação. Levando o grupo à grupos de estudos sobre pedagogia e os desafios do aprendizado. O projeto acredita na educação cognitiva e aprendizagem significativa proposta por Ausubel (1982) que, decorre de novos significados que são adquiridos e atribuídos pelo aprendiz, através de um processo de interação de novas ideias



com conceitos ou proposições já existentes em sua estrutura cognitiva. Essa aprendizagem significativa contrapõe-se a aprendizagem mecânica que predomina no ensino de ciências (CARRAHER *et al*, 1985; FRACALANZA *et al* 1986). Reconhecemos toda energia depositada na difusão da agroecologia como muito valiosa, quanto melhor e mais efetiva for a comunicação, mais públicos serão conquistados à causa agroecológica, seguimos melhorando para assim conquistar cada vez mais agentes polinizadores.

Agradecimentos

Aos protagonistas do movimento agroecológico que perduram através dos anos, às agricultoras e agricultores da Feira Agroecológica da UFRJ, aos antigos e atuais integrantes do Projeto Capim Limão que proporcionam uma experiência transformadora dentro e fora da universidade, ao Centro Acadêmico de Biologia por nos apoiar e promover, e por fim agradecemos à PR5 que provê o fomento de bolsas de extensão.

Referências bibliográficas

ALVES, R. . **Alegria de ensinar** (a). Papyrus Editora, 2012.

AUSUBEL, D. P. . **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 198, 1982.

CARRAHER, D.W. *et al*. **Caminhos e descaminhos no ensino de ciências**. Ciência e cultura, v.37, n. 6, 1985

FRACALANZA, H. **O ensino de ciências no 1º grau**. São Paulo: Atual, 1986.

REIGOTA, M.. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 1998. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 41).